

A política do Sintoma IV[♦]

Marcus André Vieira

Resto e corpo

Hoje falaremos sobre o corpo. Seguimos nosso plano, que declina o trabalho com o sintoma, tomado mais no registro da invenção do que da patologia, em três ênfases: corpo, obra e nome¹.

Dado esses três temas, escolhi um texto de Freud que nos ajudará para cada um deles. "Reflexões para tempos de Guerra e Morte", para o corpo², "Sobre a Transitoriedade"³ quanto ao nome e, finalmente, "Um distúrbio de memória na acrópole"⁴, para o nome. Eles servirão a cada vez, de quadro conceitual no qual nos deslocaremos. Buscaremos definir em quê um sintoma pode ser estabilização em cada um dos três eixos. Nossos pincéis, porém, serão as ferramentas que já pudemos destacar das indicações de Lacan sobre o sintoma.

Perder tudo 2

Fazer corpo 4

Estádio do Espelho Freudiano 6

Cola pelo gozo 8

Marcas e cortes 10

Objetos resto 12

Objeto unha 15

Identidade e porejamento 18

[♦] Quinta Aula do Curso Sintoma e Invenção da EPB-Rio realizado no Instituto Philippe Pinel no dia 15 de maio de 2008. Texto e notas estabelecidas por Leandro Reis (revisadas pelo autor).

Perder tudo

Começamos pelo caso Sonia⁵, uma das coisas que ela nos coloca dentre várias é a possibilidade de se perder tudo.

“Parece que não habito esse mundo e, se não habito esse, que mundo habito? É a morte.” Essa é a fala de Sonia, uma mulher hoje com 51 anos. No início de 2006 S. vai ao posto médico em que trabalha, numa situação que parecia bastante crítica. Fez na ocasião apenas uma entrevista, uma longa entrevista – talvez muito longa, reavalio agora – e não mais voltou. Parecia assustada, claramente descuidada, um tanto confusa. Sua fala interrompia-se em certos momentos. Sofrimento e solidão foi o que basicamente relatou. A situação foi descrita por ela própria como trágica. Disse estar morando sozinha em um barraco, num sítio de propriedade privada, que fora invadido por seus atuais moradores há alguns meses, não soube precisar. Era *“provisório”*, diz. Chamou sua condição e o local da invasão de *“subhumano”*. Foi a queda de um galho na precária moradia que a fez *“desabar”*. A chuva entrara no local, não sabia o que fazer. Não conseguia se levantar, nem dormir, nem se alimentar. Dizia que *“estava acontecendo alguma coisa no colchão”* e que desconfiava das pessoas que a levaram para a invasão, amigos com quem convivia. Pergunto-lhe como vivia antes disso e Sonia. se refere a um casamento de 13 anos, desfeito há um tempo, segundo ela por uma *“traição”* de sua parte. Fala de forma desconexa sobre uma viagem sua para outro estado e que era ela a culpada. Diz ter sido criada por uma mãe adotiva já falecida (...). Na ocasião, ofereço que retorne para falar sobre o que quisesse. S. não retorna. Um ano depois S. volta ao posto com uma amiga. Esta a ajuda a falar o que ocorreu. S. foi piorando, se descuidando cada vez mais, se afastando das pessoas. Essa amiga e uma vizinha de S. fazem com que procure novamente a psiquiatria para se tratar. Ela continua a morar na invasão e se refere ao que ocorreu como *“um choque”*. *“Já pensou, você ter que viver na casa das pessoas de novo, ficar sem casa?”* Ao se separar, ficou em uma situação complicada. Foi obrigada a deixar a casa em que morava, não sustentou ter que brigar pela separação de alguns bens e partiu com alguns pertences. Assim, morou na casa de alguns amigos até encontrar o lugar onde está. (...) Aos poucos S. suporta falar sobre o que lhe aconteceu no *“surto”*. *“Envolvida com a leitura da bíblia”*, S. *“entrou no personagem”*. Começou a freqüentar uma igreja, impressionou-se com a história de alguns santos, como São Francisco de Assis. Acabou por doar todas as suas coisas. Roupas, fogão, a cama. Descreve como tendo sido aos poucos o processo que a levou a procurar tratamento. A *“desconfiança”* surgiu no momento do *“choque”* por conta da queda da árvore. *“Perdi a confiança em todos, inclusive em você.”* Achou que eu não era psicóloga, era falsa, perguntava muito, talvez fosse uma espécie de investigadora. Iria saber as coisas para contar a seu ex-marido. Quanto a psiquiatra, diz: *“tomava o remédio, achava que me fazia mal, que a médica passava um remédio que ia me cegar...”*. Sem o marido, sem casa, sem emprego e sem dinheiro (ele havia cortado a ajuda que prometera a ela)...

Ainda que não seja tão evidente nessa paciente, vale lembrar, por conta da frequência, como é possível uma perda de identidade que vai longe na psicose e que pode ir até a perda do próprio corpo - exatamente esse que para nós parece ser o fundamento da identidade. Mesmo assim, mesmo sem corpo vemos gente andando por aí e vivendo. Nosso axioma será: *É possível não se ter um corpo e mesmo assim existir*. Nem sempre isso será uma maravilha, quase nunca será, mas será. Isso nos impõe a pergunta "Como isso é possível?".

A relação da psicose com o corpo segue uma forma diferente da qual costumamos conceber. A coisa se apresenta igualmente com relação a nossa história familiar, que costuma fazer parte indissociável de nós mesmos. De fato, tende-se a vivê-la como o segundo bem mais precioso que temos, depois do corpo. Nossa história de vida, feliz ou trágica, nos compõe. Em alguns de nós, não é bem assim. Não é tanto o fato que se viveu descasos e abandono, mas sim a relação de descaso e de abandono com nossa própria história, o que contribui para constituir um corpo ainda mais frágil em termos de densidade, que pode, vira e mexe, por conta de sua unidade flutuante, vir a ser habitado pela estranheza e desconfiança.

Nascida em outro estado, foi separada de sua mãe na maternidade. Asmática, a mãe teve uma crise e permaneceu internada. "*Saiu da mesa de parto para o oxigênio*", diz S. foi deixada com uma senhora que a criou. Diz que esta "*saiu meio fugida*" com S. para o Rio. A mãe chegou a procurá-la, mas vendo-a bem cuidada nunca a trouxe de volta. Quando tinha 6 anos, a mãe adotiva se casa, segundo ela, com um homem "doente cego". "*Ela era guia dele. Me senti isolada. Começou tudo aí. (...) Era só eu e ela*". (..) S. reclama do "desânimo" que sente. Relata, contrastando o modo como ficou no momento da crise, que sempre foi assim. Reproduz o que disse uma antiga conhecida: "*Sabe como me lembro de S.? Sentada na soleira chorando. Uma tristeza... Nasci com ela. Não sabia da onde vinha. Apanhava (de colegas), mesmo sendo a maior. Ficava na soleira chorando, chorando. Queria mais atenção para mim, sempre uma carência muito grande.*" (..) Fala em "*achar graça*" em algum emprego. Uma fala que se repete é a necessidade que tem de "*se sentir útil*" para os outros. "*Servir*", diz. Parece manter suas frágeis relações a partir dessa posição. É assim com a irmã, foi assim no casamento. Levanta a hipótese de trabalhar em algo em que possa "*servir*" ao outro. E, lembrando os últimos empregos que teve, pergunta se conseguirá ouvir críticas ao seu trabalho. "*Falavam que alguma coisa tava errada era horrível, ficava arrasada, dias arrasada...*"

A idéia de que nascemos com um corpo e de que ele está ligado à alma não é facilmente vista na psicose. Não estamos dizendo que o corpo da paciente era esquizofrênico e que por isso em alguns momentos ela não o tinha. O que se

faz freqüentemente é considerar este corpo psicótico como um corpo doente, deficitário, esquizofrênico e dessa forma um corpo diferente do nosso. Não. Estamos dizendo que ela, a paciente, é, sem que o corpo esteja. Vazia. Arrasada.

Esse pressuposto coloca em questão o que pensávamos ser o axioma de base da identidade, a de que somos nosso corpo e que a partir desse ser de base constituímos nossa identidade histórica e social. Lacan insiste nisso especialmente na conferência sobre Joyce, que para ele é o paradigma de alguém que construiu um corpo para si. Ele afirma: "um corpo, não somos, só o temos, e por habitá-lo".⁶

Isso nos traz imediatamente a concepção de que o corpo se ganha e se perde; se vende e se compra e até mesmo se constrói. A maneira mais comum de fazê-lo é pela semelhança ou, em termos mais usuais para nossos ouvidos lacanianos, pelo espelho. A construção do corpo por esse caminho é denominada em nosso jargão "eixo imaginário" e que Lacan escreve em sua álgebra $a - a'$. Ele sintetiza o que para Lacan é o forte da relação imaginária, que nada tem a ver com o sentido comum de ilusão e sonho, mas com a estruturação de uma identidade pela semelhança. O que dizemos com isso? Que o simples fato de a paciente andar com uma amiga lhe produz um corpo; mas a famosa indicação de Lacan de que se trata de uma bengala imaginária não deve nos levar a subestimar o que aí acontece. Não é apenas o apoio em uma imagem externa, mas a assunção de uma imagem própria a partir de uma externa. É o que ela demonstra, não é apenas a amiga que a sustentou, mas também o casamento, quando ela, assim como todos nós, por identificar/imitar o que supõe fazerem os bonequinhos do bolo lhe dá um lugar como parte de um casamento, um lugar que é também corpo (de casado). Fazer parte de um espaço cria um corpo e sustenta uma unidade, um lugar no mundo. Eis aí uma identidade imaginária.

Fazer corpo

Como se vê não estamos falando apenas de psicose, mas da função essencial do imaginário como sustentação de uma identidade, o que é universalmente observável e mais evidente quando se é preciso recorrer a um reforço imaginário em momentos críticos da vida, na adolescência por exemplo.

Um passo a mais. Podemos resumir o processo dizendo que uma imagem virá recobrir o real - justamente aquilo que se é que é essencialmente despedaçado, um feixe de pulsões parciais desconexas. Não há unidade no real. É sobre este registro que se põe uma imagem que organiza e dá corpo.

Para destacar essa junção entre imagem e real Lacan traz no Seminário 1: Os escritos Técnicos de Freud⁷, , dentre de vários, o exemplo do etologista Lorenz⁸. Lorenz coloca os ovos de filhotes de pato em frente a uma bota, quando os filhotes nascem eles vêm a bota e ela vem recobrir e fazer funcionar tudo o que em termos de necessidade real se atrela à mãe. Depois quando ele, Lorenz, anda, os filhotes o seguem por conta da bota.

A imagem da bota vestiu algo daqueles patos. Para pegar o radical da idéia poderíamos dizer que quando esses patos olham no espelho vêm como se fossem botas e muito provavelmente eles se escondem em uma sapataria. Lacan apresenta este tema com vários exemplos, morfologias, mutações, comportamentos desenvolvem-se quando a imagem fixa essa confusão anterior à imagem e, dessa forma, alguém passa a fazer parte de algo.



É exatamente isso que o Lacan vai falar no texto "O Estádio do Espelho como formador da função do Eu"⁹. O principal pode-se se resumir nesse sentido. É uma imagem que, ao ser dada pelo Outro, vai dar destino e morada a um feixe confuso de estímulos e excitações orgânicas as mais variadas.

É importante distinguir: ele vai mais além do que dizer que com a imagem passa a existir para um corpo essa ou aquela característica, o que é evidente a todos, mas sim que o próprio corpo passa a existir como tal. O imaginário não é algo que venha organizar comportamentos disparatados do corpo real. Não há, em sentido unitário, um corpo real. O corpo biológico é um amontoado mutante de órgãos.¹⁰ É nesse sentido que vamos abordar a psicose. O corpo despedaçado é a regra geral, apenas nós neuróticos achamos que não, que o corpo despedaçado é um fenômeno posterior, de "perda" da unidade original.

Essa concepção coloca justamente a pergunta: O que faz cola esses elementos? Parece automático nos animais como demonstra Lorenz, mas para nós a coisa é mais complicada, pois temos inúmeros exemplos de como a cola se desfaz, desde qualquer intoxicação que introduz fenômenos de estranheza e despersonalização até a própria loucura, passando pelas conversões e dissociações históricas. Para nós, no campo da neurose, achamos que está feito de uma vez por todas, indelével, mas sabemos que isso não é uma verdade inquestionável. Nosso corpo é cheio de estranhas coisas, então, fazemos e refazemos cirurgias plásticas. Vivemos estranhezas corporais que nos levam a adotar e readotar nosso corpo dia após dia. Por isso a necessidade de um espelho não é apenas vaidade: precisamos "decorar" que essa ruga,

esse cabelo branco nos pertence, pois há pouco não era nosso. A psicose nos ensina, sem precisar ficar velhos, que muitas vezes temos que fazer e refazer o corpo, ela nos ensina também caminhos mais comuns para isso, dentre eles o espelho, mas não só.

Estádio do Espelho Freudiano

Em Freud veremos convergir essas questões. Há uma situação descrita no texto "Reflexões para tempos de Guerra e Morte" que será nosso ponto de partida. Um homem primitivo se encontra em uma batalha com o cadáver de um amigo. Esse homem faz algo para lidar com isso. Ele inventa a idéia de que esse amigo continua existindo em outro lugar. Ele cria, nos termos de Freud, a ficção da alma.¹¹ Freud imagina um homem mítico, nos primórdios da humanidade, que teria sido o primeiro a inventar a alma, no sentido de uma continuidade do corpo vivo que prosseguiria inteiro, ainda que em outro lugar, na mesma forma em que existia entre nós, apenas flutuando etereamente em algum lugar.

O contraste entre o cadáver e essa imagem flutuante estabelece que é ela que está viva, é ela a responsável pela vida do amigo, pois o corpo concreto, ali, diante não. Assim ele cria um duplo do corpo, com uma única diferença, ele não morre.

Inicialmente, a alma teria sido criada como algo que existe no futuro, sobrevivente ao corpo, mas a seguir, a humanidade teria criado a religião para dizer que se essa imagem estará depois é porque ela já estava antes, imortal, dom de Deus, fazendo de sua passagem pela terra um instante efêmero na eternidade.

O que Freud está dizendo é justamente aquilo que Lacan vai dizer posteriormente como *nosso corpo é do Outro*. Em outras palavras, a alma está na cultura. É o que sustenta a afirmação de que isso teria acontecido como uma criação humana e não divina. Nossa alma, pensada como nosso ego, está no Outro e de certa maneira tem uma duração mais longa do que nós porque quando chegamos ao mundo ela já está lá, nos desejos de nossos pais, por exemplo, e quando saímos continua um tanto na memória de nossos filhos. Não é a eternidade religiosa, mas é uma espécie de eternidade.

Em poucas palavras, nossa unidade está no outro. Iremos chamar essa concepção de *Estádio do Espelho Freudiano*.

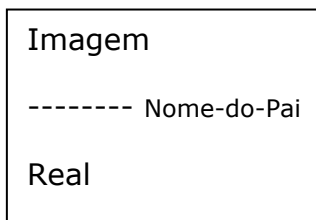
O estádio do espelho lacaniano coloca as coisas em outros termos, na outra ponta da vida. Em vez do fim o começo. Em da nudez do cadáver coma alma

recobrando-o para que ele ganhe vida no céu, a nudez de uma recém nato que será vestido pela alma-ego que lhe oferece o Outro para ganhar vida na terra. Mas é a mesma idéia. Sem uma roupa do Outro não há vida, nem no céu nem na terra. O corpo biológico sozinho é a morte. Ele é uma máquina que não funciona sozinha. Se ela estiver ligada (no caso da criança, sem o Outro para lhe dar a roupa que lhe garantirá a "ação específica", ela acaba morrendo por falta de recarga. Se ela estiver desligada, nada nela mesma a religará: é preciso que o Outro a imagine ligada no além, o que, inclusive, permite que, às vezes, ela seja religada aqui na Terra - como no caso do choque no coração que traz de volta à vida o infartado.

A cena do Estádio do Espelho que Lacan imagina que é análoga a esta do Freud descreve: é o bebê desconjuntado vislumbrando uma imagem de unidade do Outro que o integra.

Mas apenas assim fosse seria idêntico aos pombos. O que Lacan introduz é a idéia de que a criança, diferentemente dos pássaros, olha para a imagem no espelho, mas olha depois para a mãe que lhe diz "Sim, tu és isso". Só então obtém-se a unidade.

Por que será que ela olha para o olhar da mãe? Isso não nos importa e sim que o olhar da mãe é que faz a soma. O olhar da mãe é fundamental, mas em si ele não é nada. É uma espécie de confiança feita pela criança àquilo. Algo do tipo "eu confio em você, se você diz que sou aquela imagem". Essa confiança que a chamamos de crença, fé, crença no outro, crença na tradição vislumbramos, dessa forma, o que atende pelo chamado de Nome-do-pai. O olhar de assentimento do outro nesse primeiríssimo momento do Estádio do Espelho nos mostra o Nome-do-pai, porque é apenas um ponto vazio no qual se aposta. Então graças a ele cola-se significante e imagem.



Na montagem lacaniana têm-se desse modo. A barra é a cola que é o olhar que nesse ponto ainda não é objeto. Puro vazio, fé, Nome-do-pai.¹²

Por enquanto, vamos ficar com o vazio como cola. Este olhar pode ser muita coisa, em um primeiro tempo para Lacan ele será um vazio, Nome do Pai. Em nossos dias, estamos aparentemente em outra situação. Estamos partindo da idéia de que esse vazio não funciona como antes, aquilo que abordamos no início do curso sobre os não-seres. A cola tendia a ser feita pelo vazio. E a

questão que nos chama agora é: Uma vez que esse vazio funciona menos, que esse ato de crença funciona menos o que faz a cola? Quando se começa a não confiar naquilo que as pessoas dizem começa-se a dissociar essa unidade, descola-se imagem e real. Isso é dado por certa confiança no que dizem as pessoas. Isso é a transmissão pela tradição (Nome-do-pai). Se não se pode mais contar com esse ponto na tradição como vou colar imagem e real? O que sinto no estômago não é garantido que seja de fato no estômago; os pensamentos podem não estar necessariamente na cabeça, existem inúmeros exemplos culturais que nos evocam a psicose (não é apenas a psicose, não faltam antropólogos para dizer que muitos povos achavam o cérebro era na barriga).

Enfim, voltamos à problemática da psicose que por definição lacaniana é justamente onde o Nome-do-pai não funciona. Então se eles fazem sem esse recurso é possível que encontremos pessoas que fazem de forma similar e não da maneira que estávamos acostumados a fazer dado o enfraquecimento do Nome-do-pai. Esse é o movimento deste curso. Se hoje temos menos Nome-do-pai estamos mais psicóticos, não no sentido de que somos mais loucos, mas no sentido de que somos, hoje, artesões de nossas próprias soluções. Em vez de se fazer a solução industrial do Nome-do-pai, começaremos a falar sobre essas coisas que vão colar.

Cola pelo gozo

O ganho que teremos em voltar do Estádio do Espelho lacaniano para o Estádio freudiano é um outro aspecto desta cola. Aqui ela não é a fé no Outro. Freud se vale de alguém que se encontra bastante desamparado sem pai, nem mãe e que acabou de perder seu ente mais querido e ele também imagina que para este não há cola natural.

Freud é lacaniano nesse ponto, pois ele pensa uma situação sem Nome-do-pai. O guerreiro se encontra numa situação de perda onde não há consolo na tradição. Quase todas as situações de perda radical estremecem as estruturas da tradição, mesmo que a tradição tenha toda uma série de ritos para salvaguardar aqueles que encaram um desespero desse tipo. A situação do Freud é de guerra sem rito sem velório, sem mito sem nada e ele ali.

Espíritos, demônios, alma, fantasma, fadas e até mesmo as elucubrações da filosofia tudo, para Freud nasce nesse ponto. Mas que ponto é esse? Aprendemos que as eternidades e os imortais são criações nossas para fazer frente à morte, mas ainda falta algo. Freud poderia ter dito que dado o horror da morte inventamos sonhos de eternidade, mas ele não diz isso.

Dada as circunstâncias, diríamos que o homem primitivo tem razão. Mas para Freud a morte em si, o desaparecimento, não justificaria tanta coisa. É preciso algo muito específico. Ele diz que a alma nasce porque o que guerreiro não pode aceitar é um desejo de morte com relação ao amigo.

Freud diz que ele, o guerreiro, só inventa a alma, ou seja, continua mantendo a imagem do amigo, porque havia um problema. Há qualquer coisa ali que atrapalha e ele chama isso de impulsos hostis em relação ao próprio amigo¹³.

É este desejo que não se integra fundamentalmente. Havíamos definido isso anteriormente, mas queremos esclarecer que Freud também diz isso. Ele diz que o guerreiro não conseguia suportar a visão do amigo por causa da ambivalência, mas teremos que "transcrever" esses termos, mas por enquanto, façamos isso com essa idéia.

Freud entra na discussão da ambivalência, porém não nos ocupemos disso. Vamos traduzir o que ele chama de conflitos de sentimentos¹⁴. Tem-se um laço amoroso com alguém, mas há no meio ódio que não permite esse encaixe "perfeito". É dessa forma que estamos propondo que se leia. Não é: "te amo um montão e te odeio um pouquinho", também não é "todo amor é também um pouco ódio". Então fica, o laço como tal é ambíguo, para traduzir o termo ambivalente, mas não no sentido entre duas coisas, mas no sentido de se ter um corpo, eu e você somos um, nós somos um casal, mas alguma coisa entre mim ou em mim quer nos matar.

Há uma cena que Freud evoca no próprio texto. O marido falando para sua esposa. "Se um de nós morrer eu vou para Paris. Esses chistes cínicos não seriam possíveis a menos que encerrassem uma verdade não reconhecida que não poderia ser admitida se fosse expressa seriamente sem disfarce"¹⁵. Ou seja, o laço não sustenta o aparecimento de tal verdade. A unidade que fazemos se desfaz se isso for dito. Esse desejo de morte não se pode colocar à vista. A questão é que é ele o cimento do casal, sua verdade: Paris, continuamente descartada é o nome desse corpo, mais do qualquer outro.

Estamos falando momento de um corpo (o do casal) e não de dois. Não são duas unidades querendo reunir, se destruir ou se pesar na balança dos engajamentos emocionais. São coisas, pedaços que conquistam unidade juntos e alguma coisa de um desejo de morte, que não pode ser assumida por este Um, que, de dentro luta contra ele. Essa é a tensão e a ambigüidade da relação. É isso que entenderemos como conflito no mesmo sentido que consideramos o conflito entre aquilo que chamamos de armário e cama, ou entre o corpo e o gozo, ou ainda entre o real e a imagem.

O conflito é entre algo que nos forma como casal e outro algo que quer nos destruir. Pode-se até dizer que é alguma coisa que odeia em mim, mas não sou eu. Essa coisa que odeia é que vai nos interessar, pois é justamente ela que nos levará à cola.

Lembrei de uma piada onde um homem inglês completamente dentro do laço do casamento e da tradição. Ele acorda no meio da noite e a mulher está morta e ele diz "Bom, amanhã eu vou chorar muito". Uma unidade de sentido que constitui o casamento foi abalada pela morte e todo o gozo que ele poderia ter pensando em ir para Paris agora, mas imediatamente vem outra do marido em luto que acorda e perde a mulher. É outra unidade que substitui a primeira e nem se percebe o que de real e confusão poderia ter aparecido. Essa história sai da ilusão do dois. É sempre de Um a partir de pedaços (neste caso a esposa e o que seria ele sem suas roupas) que estamos falando. O Um do casamento é o corpo dele, depois o Um do enlutado e assim por diante ele vai seguindo com as roupas que a tradição lhe oferece.

Agora Freud vai dizer que o que acontece na sociedade é a transformação dessas pulsões egoístas em pulsões sociais. Teremos qualquer coisa que ele chama de egoístas que vai ser transformado para que se encaixe no corpo social é o mesmo processo do corpo vestindo o real. Qualquer coisa muito estranha passa a ficar articulada vestida pelo corpo social como uma unidade. A guerra vem justamente mostrar a tensão entre essas duas coisas montadas, pois elas não vivem harmonicamente e que pode ser desmontadas, ainda que em tempos de paz consideremos essa montagem dada é eterna. Se há algo que a primeira guerra veio romper foi com o sonho de uma Europa unificada pelo Um da civilidade.

Marcas e cortes

Entre corpo e gozo há conflito, diria Freud, há heterogeneidade radical, dirá Lacan. Isso não significa que só haverá briga. Ao contrário, é porque eles se atrelam que o corpo se anima e o gozo se torna compatível com a vida.

A questão é como o gozo fica ali, firme, no corpo estátua que o Outro oferece e porque o que atrela é justamente algo que parece feito para desatar o nó. É justamente aqui que o caso Sylvie¹⁶ vai nos ajudar.

Quando foi hospitalizada pela primeira vez, Sylvie, com 28 anos, já tinha um longo passado de tentativas de suicídios e de marcas feitas no corpo. Esses distúrbios apareceram quando ela tinha 15 anos e persistem, em períodos aproximados: Sylvie escarifica seu rosto e os antebraços com lâminas de navalha. Algumas vezes ela

absorve comprimidos maciçamente. Ela não tem nada a dizer sobre isso, e não sabe porquê o faz. Sylvie não pode tampouco pensar nada a esse respeito. Ela pode simplesmente trazer algumas precisões sobre as circunstâncias que desencadearam as primeiras passagens ao ato: Ela acabara de ser reprovada no BEPC e um garoto de sua classe, gozando-a, repete que ela é uma nulidade. 'Aquilo tornou-se insuportável'. Sylvie continua, no entanto, seus estudos e passa uma Licença na Universidade. É nesse momento que se dá a primeira hospitalização, devido à violência de suas passagens ao ato e dos riscos que ela corre.

No atendimento, ao cabo de alguns meses as mesmas seqüências se reproduzem: quando ela passa perto de um grupo, se as pessoas riem, é caçoando dela e essa certeza desencadeia a mesma resposta : marcas feitas com navalha nas bochechas, frente ao espelho, desenhando uma espécie de mascara , com traços oblíquos, sempre os mesmos. Ela faz isso 'para ver o sangue escorrer, para que assim o mal vá embora'. Ela experimenta então um alívio nítido de uma angústia que ela descreve como intolerável. Ela pode então se olhar e suportar o olhar dos outros; ela tem um corpo, ele é seu. As outras circunstâncias de desencadeamento são essencialmente ligadas à sua confrontação ao' trabalho', que ela busca e teme. Após circunstâncias particulares, S. vai colocar um termo às hospitalizações e pedir um encontro com um analista. O tratamento medicamentoso continua.

A tese é radical como é radical o fenômeno que estamos abordando: Alguém pode ganhar um corpo a partir do momento que se corta, inscrevendo, desse modo, algo coisa nesse corpo que vai permitir que ele se torne ele mesmo.

O corpo já está na cultura, já o deram para ela, o problema reside no fato desse corpo não colar. Esse não é o problema da psicose? Às vezes ele é uma árvore, uma pessoa, um marciano. Não se inventa imagem, o problema consiste no fato de como se pegar essa roupa e dizer "esse aqui é o meu, só meu". Enfim, como se fixa isso?

Concluimos dessa forma que é preciso que marquemos essa roupa para que a tornemos menos universal. Em outras palavras, singulariza-se a roupa quando ela é marcada. Coloca-se uma etiqueta, usa-se um chinelo velho. Isso vai dar sempre em coisa não muito bonitas. Porque o bonito o inteiro é aquilo que está nas lojas do Outro. Para que nos apropriarmos teremos que pegar isso que é estranho e com ele marcar a imagem.

Colocando em forma de tese. Aqueles que se cortam não estão querendo se mutilar necessariamente, pois radicalmente eles não têm corpo ainda. Aquele que se cortam não estão querendo fazer mal a eles mesmos, pelo menos os psicóticos. Aqueles que se furam, cortam-se e tiram pedaços como tal estão pegando essa roupa do Outro onde eles estão colocando uma espécie de atributo de singularidade e assim, apropriando-se dele. Isso não é tão diferente do que acontece na neurose. Passamos a ter um corpo de verdade quando entramos na fase adulta onde todos os povos tradicionais tinham um

rito de passagem para marcar isso. Faz-se parte de um clã, daí a tatuagem. Enfim, a idéia é associar essa marca no corpo com a libinização do corpo como diz Lacan no seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise¹⁷. O corpo é mais corpo, mais nosso se colocarmos tudo isso que temos colocado hoje em dia. Talvez, por isso as pessoas se tatuem mais, já que estamos menos fixos nos nossos corpos. A singularização que permitia a crença no pai já não é feita da mesma forma que antes e por isso passamos a fazer a mesma coisa seguindo uma forma artesanal. Em vez de passar pelos pontos pré-definidos, os orifícios do corpo, por exemplo, as marcas singularizam o corpo e fazem a cola dão ao corpo do Outro um lugar meu. Por elas, o gozo encontra uma âncora. Elas inscrevem a estranheza e a morte como cicatriz, traço de um passado remoto.

Para quem acha isso tudo meio punk, coisa de psicótico, para quem acha que a afirmação de que um corpo precisa de algo estranho, de uma marca vazia para funcionar, pensem na hipocondria: desde tempos imemoriais, alguém sempre acha algo doente, estragado no corpo. Isso é uma maneira, sintomática sem dúvida, de localizar um furo no corpo, em algum lugar deve haver algum órgão estragado. A hipocondria é a maneira mais básica de se ter um corpo quando a tradição não dá conta: algo escapou ao saber do Pai e está ali em algum lugar me fazendo mal, tentando me separar de meu corpo.

A conclusão a que chegamos é a seguinte: aquilo que me dá vida, o gozo, se demais me destrói, portanto se ele se transforma em um pequeno mal, fica tudo bem, se ele se localiza, restringe-se a uma área, tudo funciona. É isso a marca.

Isso redefine o corpo humano. O corpo é o quê? "É aquilo que é apto a portar a marca que o incluirá em uma série"¹⁸ como fala Lacan. Incluir em uma série é no sentido de ele se tornar um. Não é como no supermercado do Outro. Nesse supermercado não se tem uma série, são todos iguais. Entendam que incluir numa série é singularizar. O corpo é algo apto a portar uma marca que o singularizará.

Isso que chamamos de roupas do armário Lacan chama de saco.¹⁹ Ou seja, o corpo sem a marca é um saco. Com a marca é isso que cada um de nós acredita ter de só seu. Não é justamente isso que Sylvie fazia ao se cortar?

Objetos resto

O problema agora é o seguinte: quem marca? Afinal, só sou alguém depois de marcado. A tendência é dizer, "foi o Outro".

Esse é o drama do neurótico. Acreditar que foi marcado pelo Outro e querer junto a dele reparação, que o Outro lhe devolva o que lhe teria sido retirado. Isso vai junto com a idéia de que estas marcas do Outro estão em algum lugar. Não é como situa Lacan com sua metáfora da peneira. A linguagem banha a criança e ela é como uma peneira retendo restos e detritos. Esses detritos são o que ficou da enxurrada que foi o encontro original com o Outro. Ou seja, o Outro é o responsável pelas marcas que serão estes detritos, mas ele os criou sem querer, sem saber. É isso que faz Lacan dizer que "Deus é inconsciente" ele não sabe o que faz.

Esses detritos, porque determinam o gozo, localizam, tornam-no menor e por isso vivível, dão gasolina para o sonho de que o gozo total seria muito melhor do que o parcial. É só um sonho. O gozo absoluto seria a defusão das pulsões no dizer de Freud, separação gozo e imagem, com Lacan, o fim de tudo. Tomadas, porém, como a chave do gozo absoluto que prometeriam se fossem criadas pelo Outro de propósito, elas alimentarão o sonho do absoluto e da reparação que nos habita.

Ao mesmo tempo, são elas que serão a matriz de todas as marcas que posteriormente formos imprimindo em nosso corpo. As tentativas de reprodução delas, marcas originais, vão singularizar os corpos.

Isso dá conta do porque certamente há algo que favoreça a escolha por uma ou por outra tatuagem e não a total aleatoriedade. É como se houvesse alguma coisa que já aconteceu e que na tatuagem estaria só reatualizando. Na tatuagem eu estou apenas refazendo o gesto que me deu o meu corpo vivo como ele é - um gesto originário onde algumas coisas não fizeram parte da unidade em que foi possível construir-se. Essas coisas estão ali, nem tudo passou na peneira e fez unidade. Algumas coisas ficaram de fora. O problema é achar que essas coisas estão no Outro, pois assim acabo de volta ao início.

Lacan acrescenta, portanto, ao tema das marcas, especialmente em seu décimo Seminário, algo mais, esses detritos. Não são marcas originárias, mas restos originais.

Aí o funcionamento é outro. Isso que fica na peneira, não é meu, mas é por ele estar ali, fora de mim, mas bem próximo, que eu sou eu. Se nas marcas e lógica é a da presença de uma ausência, nos restos é o inverso, uma presença que precisa se negatizar para funcionar. É isso que Lacan denomina objeto **a**. Ele pode se apresentar na vida de todo dia, mas ali ele não mora no corpo, riscado, marcado sobre a superfície corporal. Ele reside em tudo o que cai do corpo, restos, secreções, objetos perdidos. Detritos.

A situação do objeto que cai é contrária ao intuitivo. Como assim, algo que não está no corpo o singulariza? É preciso perceber o quanto o corpo sempre depende de coisas externas a ele, não apenas adereços e próteses, que tentam fazê-lo parecido com o ideal, mas também secreções e lixos que exatamente por serem extraídos garantem que o que ficou é ideal. Nenhum carro é tão perfeito quanto aquele que eu olho com a esponja ainda suja nas mãos, nenhuma casa é tão brilhando quanto aquela em que eu acabei de jogar o que não presta fora. O lixo logo ali distingue a bela sala da revista da bela sala habitada, a primeira é estátua, a segunda, por conta do lixo é viva.

Isso que sai mantém-se em articulação com o que fica. Mais garantia ainda de que o que fica é vivo será se o lixo recém retirado ainda deixar um traço de que ali esteve. O inverso também é verdadeiro, se o lixo estiver por perto, isso garante este traço aqui não é apenas um acaso, mas uma cicatriz. A marca e resto, ou o traço unário e o objeto a, têm uma articulação estrutural.

É como, da roupa do Outro, arrancar algum botão. O botão é isso que cai, o objeto e essa roupa só é minha porque o botão foi arrancado. Fica lá algum vestígio da queda do botão, mas com tempo essa linha cai e se olharmos nem vemos mais o botão. Não há falta de botão. Não se vê uma camisa menos o botão, mas sim uma camisa perfeita. Isso pode me angustiar e, mesmo contra a vontade me levar a derramar café na camisa para marcá-la. Um outro caminho é encontrar com o botão. Só que, o botão vindo completar a camisa perfeita, me angústia porque deixo de existir e me torna estátua. O botão é o olhar da Medusa.

Se encontrarmos aquele botão que foi constitutivo passaremos a ter horror dele. Essa é a problemática do neurótico ele esqueceu, recalcou, que esse ponto constitutivo fazia parte no início. De modo que, quando o botão aparece, ele apresenta-se como ameaça à integridade da unidade.

Com efeito, o objeto a é, resumidamente, uma parte de um todo que só virou todo depois que essa parte caiu. A unidade corporal se produziu com essa extração do objeto que, uma vez feita, é recalcada e garante um corpo único. Então, quando aquela parte vier à cena, angústia.

As duas coisas, camisa e botão, são do Outro, mas têm estatutos muito distintos, a primeira assinala as belas intenções do Outro e segunda sua inconsciência, sua incapacidade.

A grande diferença entre marca e resto é que o resto guarda o segredo das marcas sem que seja preciso apelar para um Outro inteiro, constituído, mas apenas para seus retalhos dele.

Isso é a situação da psicose. Ali os pedaços estão por toda parte e não se pode contar com a crença em um Outro Uno em algum lugar que deteria a chave das marcas. Aqui será preciso construir este outro e apenas a escrita não serve, é preciso contar também com os objetos. Uma carta não será decisiva apenas porque ela diz algo (I), nem porque ela é corte/marca (S, mas também porque ela cai (R). É por isso que Sylvie vai precisar de sua cena da caixa de correio.

A escrita pode ser tomada menos com riscos do que como objeto a, como resto que ao cair do corpo faz corpo. Não é o que ensina Sylvie com a cena da caixa postal?

O movimento que se operou então sob transferência é bem interessante. Ele pode se esclarecer a partir do último ensino de Lacan sobre o sintoma e a questão do sinthoma.

Desde os primeiros encontros, S. traz cadernos, alguns datando de mais de 10 anos, outros recentes, escritos durante sua hospitalização. Ela havia adquirido o hábito de anotar seus pensamentos, mas também o que ela fazia, os livros que lia, uma espécie de diário.

Muito rapidamente após S. endereça cartas a seu analista, dando testemunho da conotação erotomaniaca da transferência: *“Eu lhe amo”*, alterna com *“Eu lhe odeio porque você me despreza, eu vou me suicidar, eu não voltarei mais”*. S. vem sempre às suas sessões- ela jamais faltou uma sequer nesses 10 anos. Ela simplesmente quer saber se as cartas foram bem recebidas.

Um verdadeiro cenário preside a escritura dessas cartas. Todas as manhãs, S. se levanta às 7 horas e vai tomar seu café da manhã num bar da cidade. Ela ocupa sempre a mesma mesa, em frente a um espelho, se olha, acende um cigarro e então escreve. Ela traz uma precisão suplementar: que é ela mesma quem põe suas cartas no correio, que sente uma grande angústia antes de colocar a carta pela fenda da caixa de correio e que, quando ela se resolve e consegue, ela obtém um alívio da angústia. Esse alívio obtido é idêntico ao que, precedentemente, seguia o corte na pele. É o ponto crucial: o efeito da cessão da carta pode ser assimilado a uma cessão de gozo e tem por correlato a sedação da angústia.

As escarificações do rosto, a partir desse episódio agora já antigo, não se reproduziram mais. Lá onde havia um corte vindo diretamente marcar a pele e o corpo próprio do sujeito, se apresenta um fenômeno com duas vertentes: o imaginário de um lado, sob a forma da imagem no espelho, que deve estar presente; do outro, o simbólico, através da escritura da carta.

Objeto unha

Temos, assim, outra alternativa para a constituição de um corpo. Em vez de marcar, cortar o corpo para que ele possa se singularizar, arrancar um pedaço discreto que não apareça necessariamente como marca, para lhe dar vida.



Esse resto que vai ficar fora do corpo é ele que justamente nos interessa. Se ele estiver distante demais mortifica-se o corpo - um sujeito pura imagem, mortificado. Em oposição, se estiver muito perto, um sujeito desencaixado.

Os objetos a são elementos que estão em torno do corpo e que testemunham sua singularidade, *em sua queda marcam também a singularidade das marcas que nele aparecem.*

É algo que a música *L' Ongle (A Unha)* vai demonstrar²⁰.

Um pedacinho de unha
No fundo do meu bolso
Daqueles que você roia
Quando eu te dava bronca

Um pedacinho de nada
Tranquilo, enrodilhado
Que não está nem aí
No meio das minhas chaves

E se eu tirasse ele dali? Delicadamente
mordesse ou cheirasse?
Com agulhas fizesse um vudu
Ele me devolveria o resto do teu corpo?

Um restinho de você
Que também quer se ir
Entre meus dedos
Não vou deixá-lo fugir

Um pedacinho seu
Com esmalte de lembranças
Que me seguirá até o fim
Do melhor e do pior

E se eu tirasse ele dali? Delicadamente
mordesse ou cheirasse?
Com agulhas fizesse um vudu
Ele me devolveria o resto do teu corpo?

Um pedacinho de você
Você que não está nem aí
Está mais que na hora, para mim
De parar de pensar em nós

Um cantinho do meu bolso
Onde ele estava colado
Insignificante e feioso
Lá vai ficar guardado.

A apaixonada não tem mais o corpo do ex-namorado, mas nos ensina que num pedacinho de unha insiste e resiste todo um mundo. “Essa unhazinha que você roia enquanto eu brigava contigo”. Dá para imaginar com essa cena o namorado dela com toda sua densidade e não apenas mais um nome na história.

É com a unha que ela vai conseguir se separar daquele corpo. Não é o corpo que faz falta, faz falta alguma coisa do corpo que pudesse ser ele mais que ele. Ela está como o guerreiro diante do cadáver do amigo. Não dá para tomar aquele corpo como o amigo, falta alguma coisa. Essa alguma coisa é a unha.

Lidando com a unha ela poderá dizer: isso que tinha e precisava com você está em algum lugar em mim, é um resto meu, não apenas dentro do meu ex.

Isso não precisa ser tão escatológico. Vejam esta maravilha de música do Noel:

Chamamos estes restos subjetivos, tal como a unha e a luva, de objeto **a**, que é um dos nomes oferecidos por Lacan para estas coisas.

A pergunta que cabe agora é: Qual o estatuto dessas coisas? Elas estavam lá antes e apenas devemos reencontrá-las? Ou essas coisas são construídas a partir do zero?

Ou seja, Há uma espécie de caos do qual se retira uma coisa e então tem-se um corpo? Ou é ao contrário, o corpo já nasce com essas coisas e elas me fazem ter corpo?

Entende freqüentemente que o um caso corresponderia à neurose e o outro à psicose, onde não haveria essas marcas. Mas será

possível que na psicose não há nada prévio, puro caos? Cabe a pergunta em todos os casos: qual o material preexistente sobre o qual vamos incidir? Esta pergunta já é uma tomada de posição quanto ao debate sobre as diferenças estruturais. Sem Nome do Pai na psicose, mas não sem algo prévio, não sem objeto a, apenas sem sua "função" (cf. última lição do Seminário 10).

Faremos nossa esta tese. Neurose e psicose possuem esses pedaços. É preferível entender que esses pedaços gravitam em torno de nós. A cada vez que minha unidade está feita alguma coisa saiu para que essa unidade exista. Essa alguma coisa que saiu está ali, o desejo de morte do qual falamos bem e que vai impedir a unidade. Ele não é uma hostilidade fundamental, mas apresenta-se como hostil por ter ficado de fora, então ele volta como aquilo que destrói a unidade. Ele é a idéia de Paris no chiste que descrevemos anteriormente. Ele Sonhava em ir para Paris. Isso não quer dizer que todo dia ele pensa em Paris e pensa que o casamento anda mal. Não. Ele provavelmente diz ao contrário. São essas marcas que vamos buscar na análise e que estão em articulação com a unidade. Trazemos essa coisa a cena para que possamos reler aquilo que se é. Porque elas saíram é que a unidade existe. Esses pedaços gravitando que sustentam a unidade.

É colocando-a no bolso, agora com outra configuração que ela se liberta do corpo dele. Objeto resto, que fora da cena

COR DE CINZA – Noel Rosa

Com seu aparecimento / Todo o céu ficou cinzento / E São Pedro zangado / Depois, um carro de praça / Partiu e fez fumaça / Com destino ignorado / Não durou muito a chuva / E eu achei uma luva / Depois que ela desceu

A luva é um documento / Com que provo o esquecimento / Daquela que me esqueceu

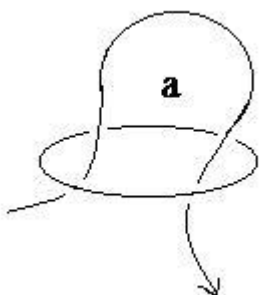
Ao ver um carro cinzento / Com a luz do sofrimento / Bem vermelha na porta / Fugi impressionado / Sem ter perguntado / Se ela estava viva ou morta / A poeira cinzenta / Da dúvida me atormenta / Não sei se ela morreu

A luva é um documento / De pelica e bem cinzento / Que lembra quem me esqueceu.

Identidade e porejamento

Chamaremos de identidade o corpo constituído tal como Lacan propõe no Seminário 10.

Ele é corpo porque é uma cena do Outro, um armário, com alguma coisa excluída. Ele só é forma estável se tiver um furo em sua superfície. Inscrito, localizado. O resto é a chave para este furo seja a marca de um além (ou aquém):



Onde está objeto a? Na neurose ele é sempre suposto, mas é essencial mesmo assim, etéreo. Ele se esconde em algum lugar. Tendemos a pensar que está no inconsciente, no passado, uma espécie de memória que ficou fora de cena. Com a psicose temos a impressão de que voam pedaço para todos os lados e que não há nada destacado, de fora, que descompletasse o todo e lhe desse unidade e singularidade. Isso terá que ser feito. Então colocaríamos neurose e psicose em vetores opostos.

Na psicose temos o "objeto a no bolso" (cf. discurso aos psiquiatras), referência célebre de Lacan para dizer que estes pedaços não estão nada fora de cena, fora de alcance, só um pouquinho. A rigor, não são objetos a, ou então digamos com Lacan que é a "não função" de a (cf. Sem 10 última lição) que ocorre, ou seja, sua extração do campo do imaginário, sua colocação na lixeira, fora do corpo. Entre o bolso e a lixeira pode ir a distância que dá aos farrapos imaginários que são estes objetos o estatuto real de sustentar a singularidade do sujeito.

Ou seja, é o que se fará ou não com os restos que produzirá ou não a estabilidade do que, a partir, deles, em oposição a eles se instituirá como corpo vivo.

É mais a montagem que se fará com estes pedaços, que é destacada no que se chama de último ensino de Lacan onde o sinthoma é montagem onde ela é feita a partir dos retalhos.

Os neuróticos acham que esses retalhos não têm valor, porque pensam que a unidade lhes foi dada por Deus. Nos psicóticos não há a idéia de Deus, há apenas os restos. Então, o trabalho com os restos passa a ser vital. Ele tentará arrumar as roupas, o gozo, e os restos.

E aqui existem restos de base? Parece que partimos do zero, mas não, senão como explicaríamos o fato de um psicótico esculpir e o outro pintar? Se mantivermos a idéia de total acaso nas escolhas não teremos o que fazer na clínica. No entanto estamos abrindo mão de um Outro originário para ficar com a de restos de base. Isso pode se resumir: os retalhos, materiais que um psicótico dispõe em seu trabalho depende dos restos que ficaram retidos em sua peneira em seu encontro com a linguagem.

Nesse sentido, para conectar com o que havíamos falado sobre a crítica do Mario Pedrosa a Manoel Messias, falemos sobre a bela metáfora do porejamento da verdade. Que melhor tradução para o processo de peneiramento da linguagem (que antes da peneira é equivalente ao real, jorro de gozo do Outro)?

Iremos aproximar esse algo pré-corpo que é constitutiva um pela fantasia e outro pelo que der. O neurótico vai longe na fantasia está longe da verdade, e do gozo. Ele o alcança através disso que chamamos de alma. O psicótico está dentro da verdade e a fórmula clínica é essa que o Mario Pedrosa propõe para o Messias. O psicótico vai precisar porejar a verdade ele terá que destilá-la, pingar e cair em uma obra, numa relação e nisso produzir um corpo estável. Nesse caso pode-se dizer "se queres viver faça sua verdade passar para sua alma". Alma no sentido de ego.²¹ O modo de se fazer terá que ser porejada a verdade terá de atravessar o ego sair e voltar da mesma forma que acontece com todo mundo. Não se está na verdade completamente. O psicótico está na verdade, na certeza. A certeza dele é invejável. Só que é preciso às vezes não ter muita certeza. Isso que estamos chamando de porejar.

Dessa forma, a verdade é o impossível real, o gozo do Outro em termos de Lacan. Isso que Freud chama de morte.

"A atitude para com a morte exerce poderoso efeito sobre nossas vidas. A vida empobrece, perde em interesse, quando a mais alta aposta no jogo da vida, a própria vida, não pode ser arriscada." Nessa mesma linha Freud cita o lema da Liga Hanseática: "Navegar é preciso viver não é preciso" (Pag.301). O que ele, Freud, chama de morte chamamos de gozo. O gozo não é o puro real e o objeto vai ser justamente aquilo que aparece no esquema que estamos desenvolvendo durante o caminho no curso. Algo que não é exatamente puro caos.

Apostar no gozo. Essa leitura é mais do que uma coisa estritamente intelectual, mas a certeza de que não é apenas a partir dos vestidos do Outro que se faz corpo, e sim essencialmente a partir do gozo em sua articulação com os retalhos que Outro oferece. Isso é o que permite a construção de um corpo que como todo corpo precisa de zonas obscuras e insondáveis, assim como toda moradia (para seguir a analogia entre corpo e lar) precisa de armários trancados ou sótãos obscuros).

Um programa de residências terapêuticas deveria se perguntar, portanto: “os moradores tem corpo? Tem morada para seu gozo? Podem guardar segredos?”. Apostar no gozo obscuro que nos habita parece complicar as coisas, mas temos que fazê-lo “Não para estarmos no mais correto, mas para estarmos mais no verdadeiro.”²²

Não entendamos verdadeiro como mais correspondente ao real. Se não poderia se pensar que a psicanálise conhece o real. Estar no verdadeiro é estar na dimensão da verdade. Não é estar no lugar onde as coisas são corretas e sim estar no lugar aonde as coisas se fazem. Aonde o corpo se constrói e que, assim, me dá certeza de ser. Essa verdade que poreja por todos os poros do corpo como falou Mario Pedrosa. Estaremos nos deslocando nessa área onde a verdade vai porejar pelos restos do corpo e vai produzir o que eu sou.

Isso não necessita se dar na violência, ao contrário, Freud termina seu texto dizendo: “Se queres suportar a vida prepara-te para a morte”²³. Em termos lacanianos pode-se dizer “se quer viver na verdade prepara-te para ceder tua alma” (entendendo-se alma como unidade *prêt-à-porter* dada pelo Outra). Teremos que ceder algo da alma se quisermos chegar à verdade. Não é isso que se faz em uma análise?

¹ Vale a pena insistir no termo obra ainda que seja melhor entendê-lo como um verbo do que como um substantivo.

² FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XIV.

³ FREUD, Sigmund. Op. cit. Vol. XIV.

⁴ FREUD, Sigmund. Op. cit. Vol. XXII

⁵ Caso apresentado por Fernanda Dias na Quarta Aula do Curso. Tanto o caso como boa parte dos comentários a ele foram posteriormente publicados como DIAS, F., “Perder tudo” em *Caminhos de estabilização na psicose*, Rio de Janeiro, ICP – Andamento, 2011.0

⁶ LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

⁷ LACAN, Jacques. O Seminário 1: Os Escritos Técnicos de Freud. Rio de Janeiro: JZE, 1986.

⁸ *Ibid.* Lição X.

⁹ LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

¹⁰ Lacan abordará posteriormente essa outra questão com o esquema do vaso no escrito “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘Psicanálise e estrutura da personalidade’”. Grosso modo, há as flores que representam esse feixe desordenado de pulsões e o vaso que vem englobar essas flores fazendo delas um buquê. LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

¹¹ “Foi ao lado do cadáver de alguém amado por ele que inventou os espíritos, e seu sentimento de culpa pela satisfação mesclada à sua tristeza transformou esses espíritos recém-nascidos em demônios maus que tinham de ser temidos. As modificações [físicas] acarretadas pela morte lhe sugeriam a divisão do indivíduo em corpo e alma – originalmente várias almas” FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XIV. Pág. 304.

¹² O olhar de assentimento do Outro poderia ser chamado de afirmação primordial (*Bejahung*)? Sim, mas a questão seria: essa *Bejahung* seria o Nome-do-pai? Aí a resposta terá que ser não. Afinal, quando estivermos em ambientes que ele estiver pluralizado não a teríamos mais. Uma alternativa seria tomar este olhar como não apenas vazio, mas como objeto, como Lacan fará mais tarde. A pergunta por trás é: a unidade estabelecida pelo olhar depende do Nome-do-pai sempre? Apostamos que não. Como a *Bejahung* freudiana é a base, estamos tentando justamente separar da base.

¹³ “Por outro lado, porém, mortes como essas também o agradavam, de uma vez que em cada uma das pessoas amadas havia também alguma coisa de estranho”.

¹⁴ “O que liberou o espírito de indagação no homem não foi o enigma intelectual, e nem qualquer morte, mas o conflito de sentimentos quanto da morte de pessoas amadas e, contudo, estranhas e odiadas ” FREUD, Sigmund. *Op. cit* Vol. XIV. Pag. 303.

¹⁵ FREUD, Sigmund. *Op. cit*. Pag. 308.

¹⁶ “Se fazer um corpo/ se fazer Um nome” em *La psicosis ordinaria: la convención de Antibes*. Buenos Aires: Paidós, 2005. (A tradução, apenas para uso do núcleo de pesquisa em topologia, do ICP, é de Isabel Lins). Leia-se também nesta convenção a “conversação sobre os cortes”.

¹⁷ LACAN, Jacques. O seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

¹⁸ LACAN, Jacques. O Seminário 17: O Averso da Psicanálise. Lição II Complemento Radiofonia.

¹⁹ Ao falar sobre a teoria dos conjuntos Lacan o compara ao corpo. “Nem por isso um saco vazio permanece um saco, ou seja, isso que só é imaginável e pela ex-sistência e pela consistência que o corpo tem, de ser pote” LACAN, Jacques. O seminário 23: O sintoma. Rio de Janeiro: JZE, 2007.

²⁰ Rien qu'un petit bout d'ongle/ Dans un coin de ma poche, / De ceux que tu rongeais / Quand j'te f'sais des reproches / Rien qu'un tout petit bout / Tranquille, recroquevillé / Un qui se fout de tout / Au milieu de mes clefs / {Refrain:} / Et si je le sors délicatement / Et si je le mords, et si je le sens / Le perce d'aiguilles, lui jette des sorts / Me rendras-tu le reste de ton corps ? / Rien qu'un p'tit bout de toi / Lui aussi veut s'enfuir / Serré entre mes doigts / J'le laiss'rai pas partir / Rien qu'un tout petit bout / Verni de souvenirs / Qui m'suivra jusqu'au bout / Du meilleur ou du pire / {au Refrain, x2} / Rien qu'un p'tit bout de toi / Toi maint'nant tu t'en fous / Il est grand temps pour moi / De n'plus penser à nous / Rien qu'un coin de ma poche / Où il était collé / Insignifiant et moche / Il va y retourner.

²¹ Uma das formas imediatas de isso se fazer é o ego delirante. A minha verdade e que eu sou Napoleão, colou-se verdade e ego, ou ainda Estamira dizendo que “Controla as tempestades” como foi visto no ano passado durante o curso.

²² Falando sobre a possibilidade de se considerar a morte no seio da sociedade Freud nos diz que “tem a vantagem de levar mais em conta a verdade e de novamente tornar a vida mais tolerável para todos nós” FREUD, Sigmund. *Op. cit*. Vol. XIV. Pag 309.

²³ FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XIV. Pag 309.